

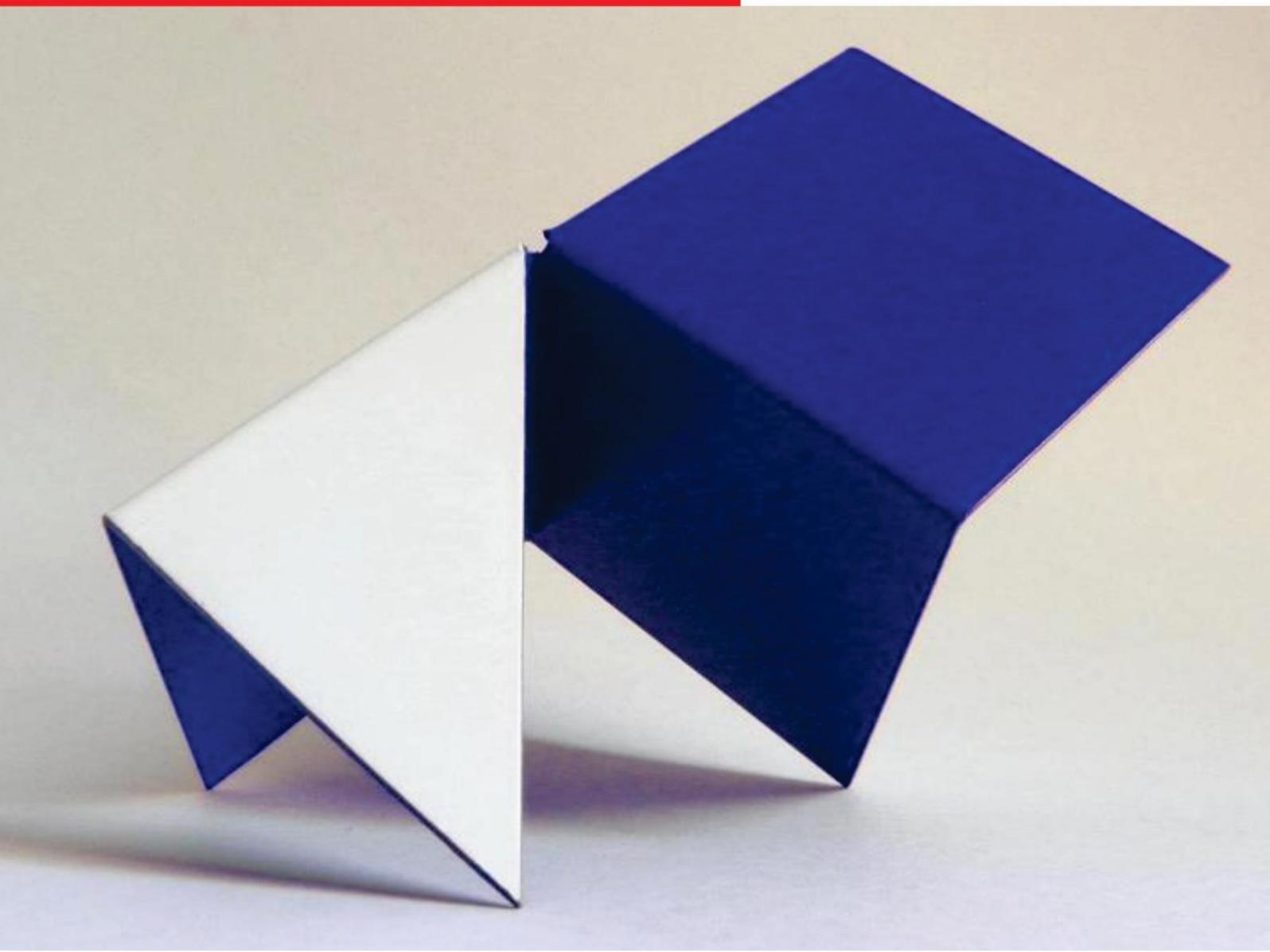
REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 04, Nº 01 - MARÇO - 2019

ISSN 2448-1793

MLCS



Perfil do artista

José Renato de Castro e Silva

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5929743>

Envio: 25/01/2019 ♦ Aceite: 22/02/2019

Por **Ademir Luiz da Silva**



Professor da UEG, no TECCER e nos cursos de História e Arquitetura e Urbanismo.

José Renato de Castro e Silva



Artista, professor, arquiteto e design.

JOSÉ RENATO DE CASTRO E SILVA: O MESTRE DAS LINHAS RETAS

Segundo a tradição, os artistas do Renascimento provavam o talento desenhando um círculo perfeito à mão livre. Infelizmente, não existem círculos perfeitos fora do mundo platônico das ideias. As formas semicirculares e sinuosas pertencem ao domínio da natureza. O design dos três reinos, animal, vegetal e mineral, não foram compostos pelo tempo profundo usando régua e esquadro. O ser humano, sim, é o senhor das linhas retas.

A exposição “Apótema – Do Quadrado ao Cubo”, do artista plástico José Renato de Castro e Silva, reforça essa tradição. Realizada no Museu de Arte de Goiânia, no Palácio da Cultura da Praça Universitária, teve abertura no dia 08 de agosto, estando aberta para visitação até o dia 07 de setembro, de segunda a sexta, das 8h30 às 12h e das 14h até 17h30. O artista é formado em Arquitetura e Urbanismo pela antiga Universidade Católica de Goiás, atual PUC, onde se tornou professor. Leciona também na Universidade Estadual de Goiás, sendo o responsável pela criação do logotipo do curso. Sócio fundador da empresa Zebra Design, ao lado do arquiteto e fotógrafo Bráulio Vinícius Ferreira.

A poética de José Renato parece buscar a atualização de elementos que há tempos assombram o gênio humano: a confirmação de sua condição de ser racional. A opção pelo título “Apótema” explicita esse projeto, considerando que se trata de um termo técnico da geometria. Em seu texto de apresentação, o artista esclarece aos leigos que “a investigação da forma geométrica quadrada, desencadeada a partir de uma fenda apenas (metade de uma das diagonais), sucedida de outras dobras ancoradas no elemento geométrico do apótema (raio da circunferência inscrita no polígono regular) conduz a um frutuoso processo de variantes formais em três dimensões (...) até se chegar a confirmação final: sempre dois cubos incompletos e subentendidos”. O vocabulário usado é definidor: aqui a ciência torna-se arte.

O nascimento da civilização coincide com o processo de doma da natureza por meio da racionalidade, representada pela descoberta e ampla utilização das linhas retas. As primeiras cidades mesopotâmicas, surgidas cerca de cinco mil anos atrás, tinham como formas predominantes ruas e muros traçados retilineamente, compondo ângulos retos. Leonardo Benevolo, autor de “História da Cidade”, anota que em seu auge a cidade da Babilônia era formada por um retângulo de 2500 por 1500 metros. A engenharia aplicada nas pirâmides egípcias também testemunha essa intenção. A Literatura, sempre uma importante chave interpretativa, corrobora. Não é por acaso que na sumeriana “Épopeia de Gilgamesh”, a mais antiga narrativa literária conhecida, composta em caracteres cuneiformes sobre tabletes de argila, um dos temas é o confronto entre o rei heroico de Uruk contra Enkidu, o rápido e forte homem-natural. A vitória do harmônico, belo e “civilizado” Gilgamesh, senhor de uma cidade de altos e retilíneos muros, expõe as prioridades da época. Polêmicas politicamente corretas à parte, a simbologia contida nesse confronto anunciou uma obsessão milenar. O fato de, segundo Lewis Mumford, autor de “A cidade na História”, os burgos medievais tenderem para irregulares planos arredondados, denotando não uma consciente volta ao Éden, mas endêmicas falhas de planejamento, a reafirmam.

As formas circulares presentes nas colunas clássicas, nas abóbodas renascentistas, nos ornamentos rococós etc, não são livres. Estão sempre submetidas ao controle da razão. Por exemplo: a arquitetura moderna de Oscar Niemeyer, reconhecido como um mestre das linhas curvas, denuncia essa submissão, que se torna explícita em edifícios tão conhecidos como o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto. As conchas do primeiro e os arcos do segundo compõem e harmonizam estruturas regidas por linhas retas.

Diferente de Niemeyer, José Renato abandonou totalmente o elemento circular nessa série de trabalhos. Suas esculturas buscam o racional absoluto, sem concessões. Não existe espaço para improviso em sua arte, como prova a presença de pequenos

estudos em papel. Seu discurso artístico é pensado e repensado. E em múltiplas dimensões. Quatro são mais evidentes, e em quatro partes é dividida a exposição.

Em sentido horário: Sucessão B, evento abaixo azul. Sucessão C, evento acima verde. Sucessão S, evento sinistro amarelo. Sucessão D, evento destro vermelho. Portanto: B, C, S, D. Nota-se a presença de um arquiteto cioso nessa concepção. O B, abaixo, seria a fundação da obra, suas bases de sustentação. A sucessão C, acima, a cobertura contra as intempéries do tempo e da crítica. S e D as paredes, os escudos, que a fecham e protegem. Entre uma sucessão e outra se encontra a dimensão da profundidade, que não é fixa, sendo dada pelo ponto de vista do observador, de acordo com sua posição no espaço. Individualmente, cada peça é um simulacro do Pêndulo de Foucault. Representam pontos fixos. Teoricamente, o universo, e por extensão os espectadores, giram em torno delas.

Uma dimensão extra se desenha mediante ondas sonoras. Para figurar como trilha sonora da exposição, José Renato escolheu músicas do compositor belga Wim Mertens. Sua principal característica é criar música minimalista que não se fundamenta em repetições cíclicas, mantendo uma base melódica. Mertens não se dirige tão somente aos sentidos. Sua música, feita de desdobramentos autorreferentes, do mesmo modo que as esculturas de José Renato, exige reflexão. É também fruto de labuta racional. Se toda música é matemática, a de Mertens é matemática aplicada; é física, é geometria.

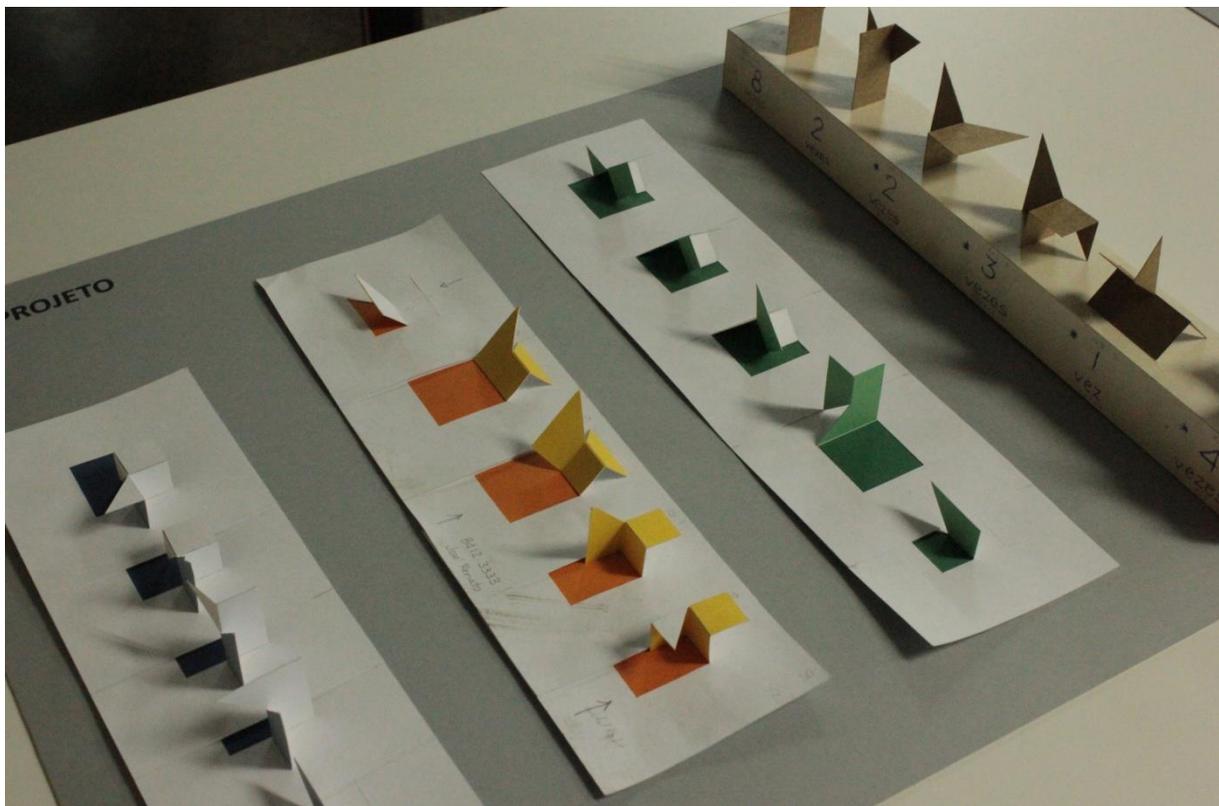
As sucessivas revoluções técnicas que permitiram ao ser humano, na Idade do Bronze, construir os muros da Babilônia, as pirâmides e os zigurates que inspiraram o mito de Babel, nunca cessaram. Evoluiu para a Idade do Ferro e, no final do século XIX, coroando o triunfo da Era Industrial, para a Idade do Aço, que criaria as condições para a vindoura revolução tecnológica e digital. José Renato não ignorou essa longa trajetória do presente do titã Prometeu para os homens, ao escolher os materiais para compor suas esculturas, que são feitas de aço carbono dobrado e pintado.

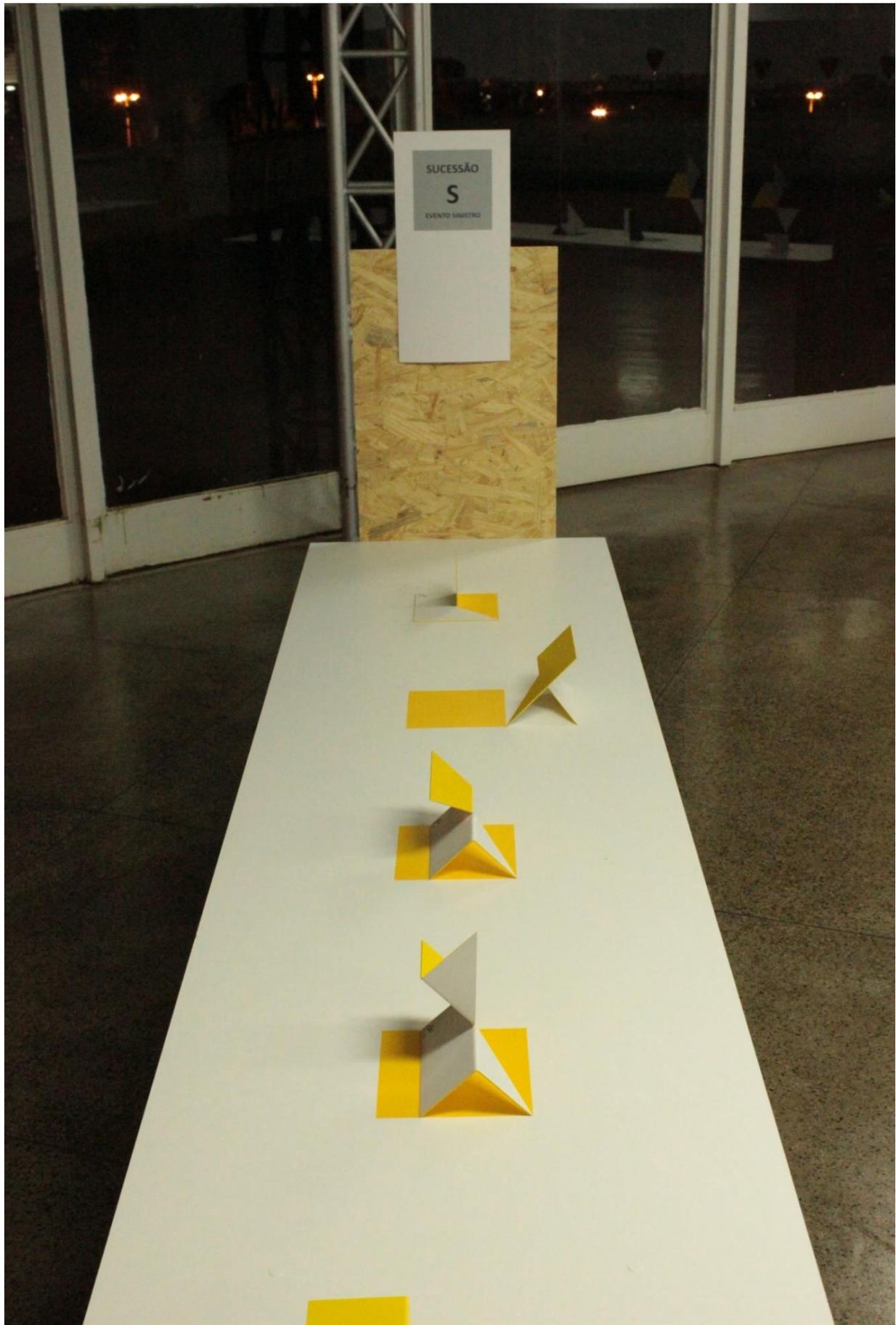
Pintado em azul, vermelho, verde e amarelo, mas também, no “outro lado”, de branco. A escolha de cores, obviamente, segue a lógica das cores primárias. Como se sabe, são três as mais usadas, considerando que a visão colorida humana é tricromática: vermelho, azul e verde. O amarelo e o branco devem ser pensados separadamente.

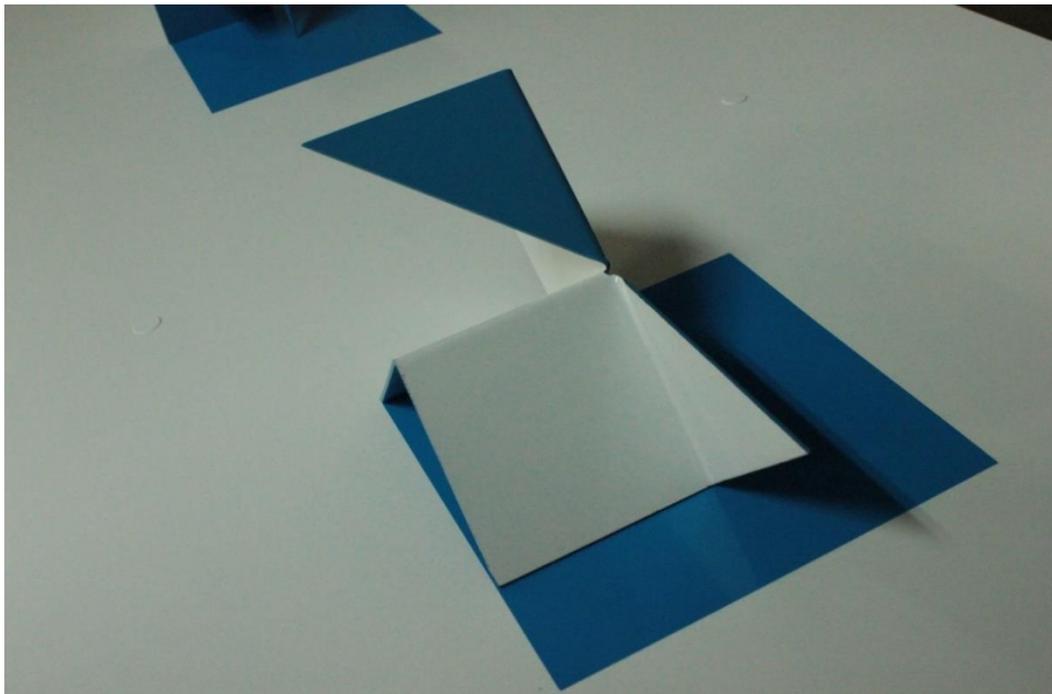
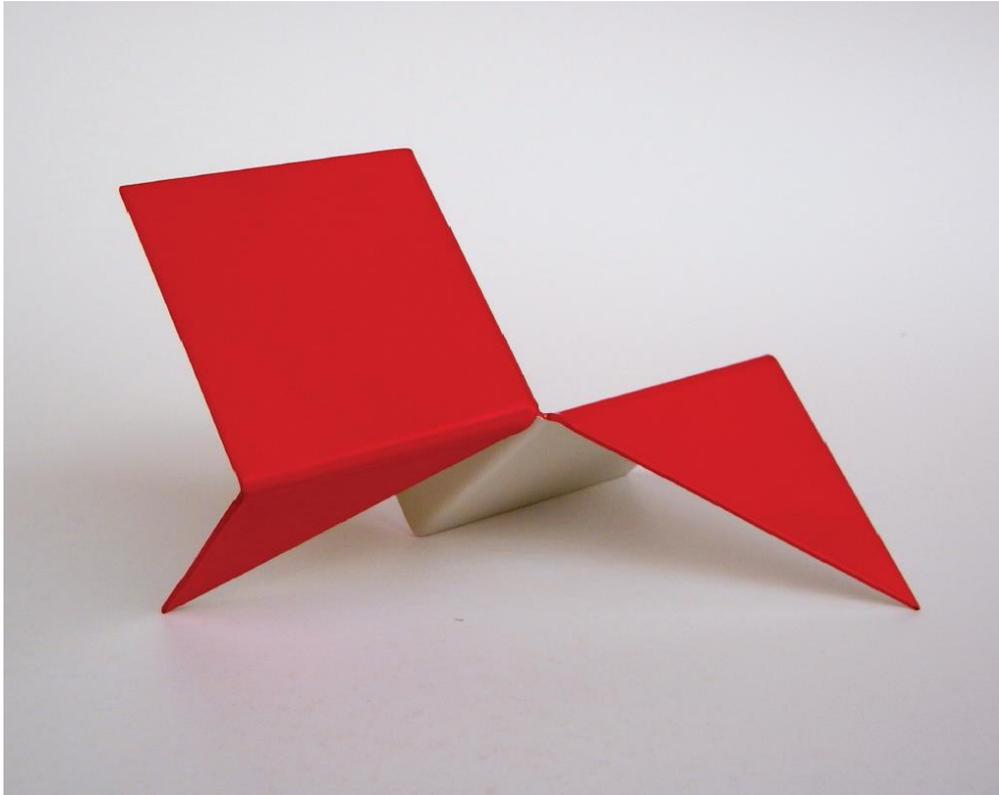
O amarelo é uma cor primária para impressos, ao lado de ciano e magenta. Uma cor da era de Gutenberg, promotora da informação, da ciência, da racionalidade. Não foi por acaso que José Renato escolheu o amarelo para representar a sucessão S, evento sinistro. Se o avento D, vermelho, é destro, indicando o lado direito, o Sinistro é o lado esquerdo. O canhoto. Lembrando que na tradição judaico-cristã, os canhotos são considerados invertidos que macaqueiam a obra de Deus, imitando-a, desafiando-a, subvertendo-a. Na Idade Média e até recentemente em localidades mais remotos, não era incomum que canhotos fossem perseguidos e sofressem preconceito. Indo além desses estereótipos religiosos, podemos pensar que os “sinistros” desafiam a ordem circular da natureza, essa imposição divina, por ainda terem na boca o gosto do fruto da árvore do conhecimento da ciência do bem e do mal? Macaqueiam a Criação não para deturpá-la, mas para impor-lhe a ordem racional humana? Canhotos construíram a Torre de Babel, enchendo de medo o coração de Deus?

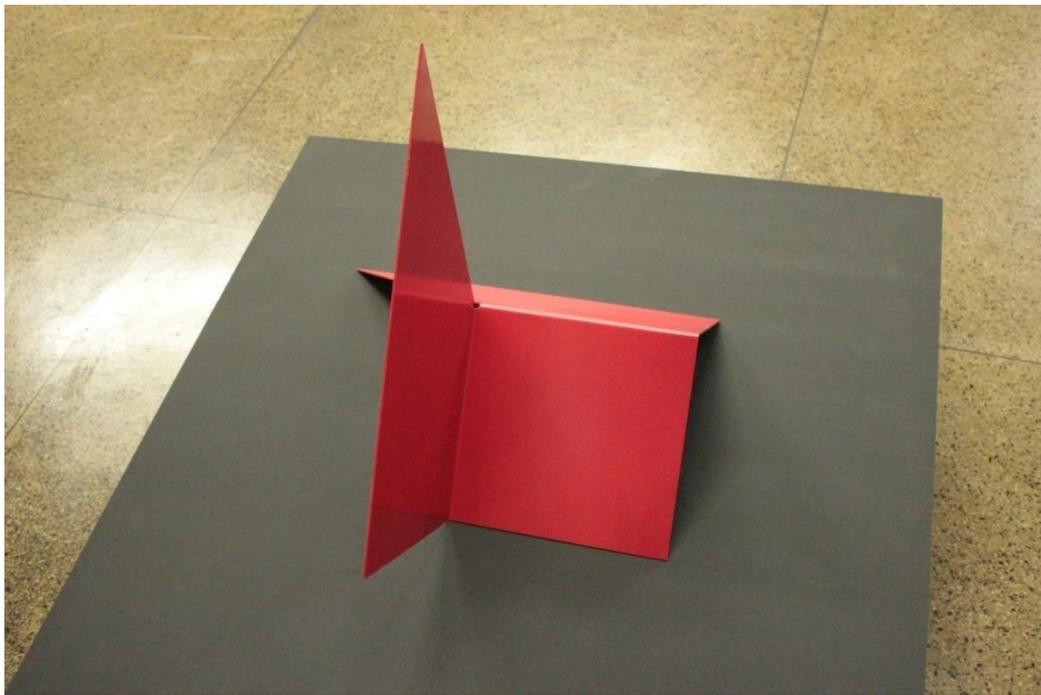
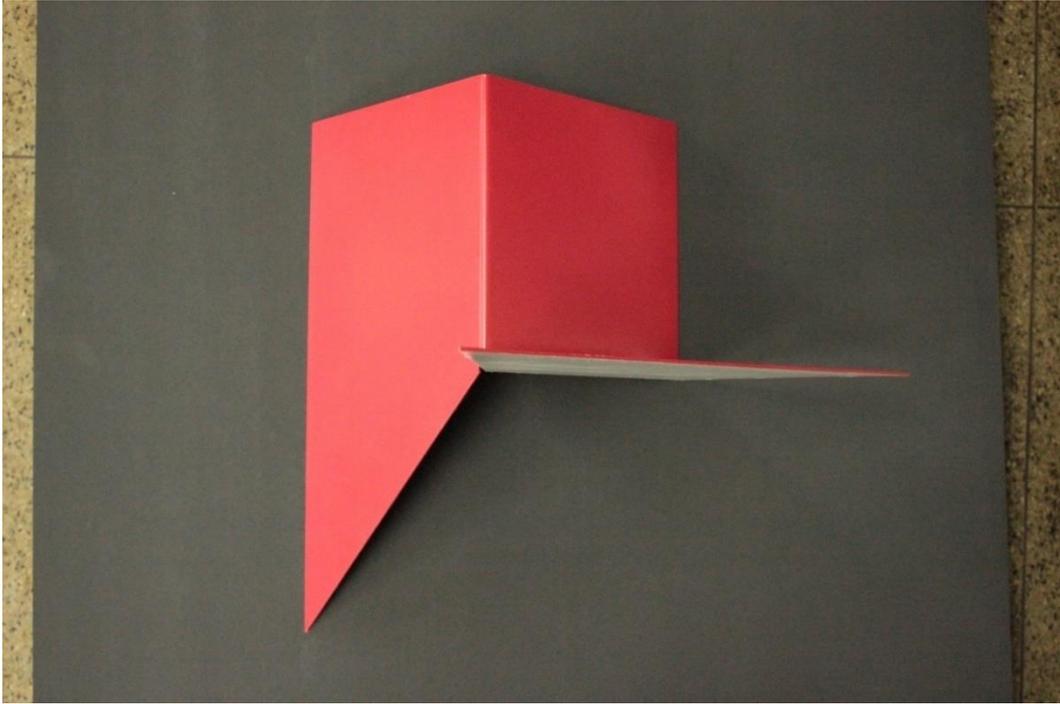
O branco não é uma cor. É a somatória de todas as cores. Em algumas esculturas, destacadamente as maiores em azul e amarelo, dependendo do ângulo com que são observadas só mostram o branco. Estão em movimento tão rápido que se torna imperceptível? As Fundações e o Canhoto representam conjuntos que contêm todas as outras sucessões? Ninguém sai da exposição sem levar perguntas consigo. Faz sentido: a dúvida é força motriz do conhecimento.

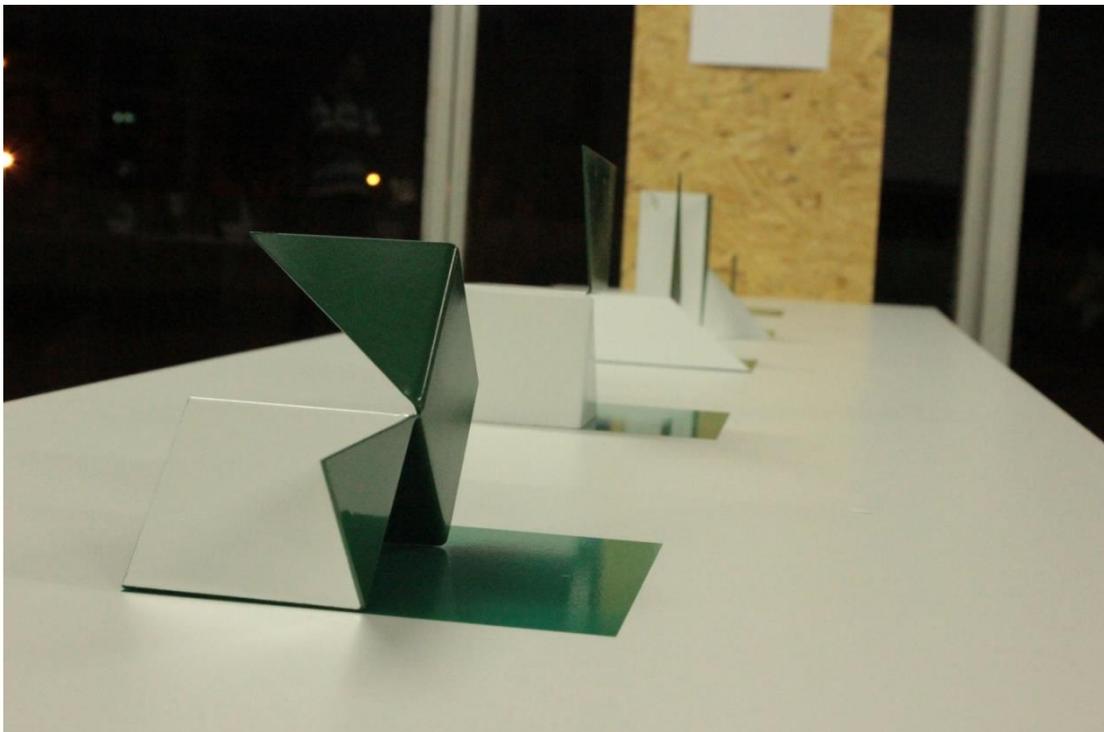
De resto, convém fazer uma última observação: se os profetas pós-modernos estiverem corretos em suas previsões de que o racionalismo cientificista será a ruína da humanidade, as esculturas de José Renato são caracteristicamente pontiagudas. Podem servir como armas numa vindoura era de barbárie trazida pelos excessos de nossa ciência. A arte como um dos monstros de nossa própria criação.

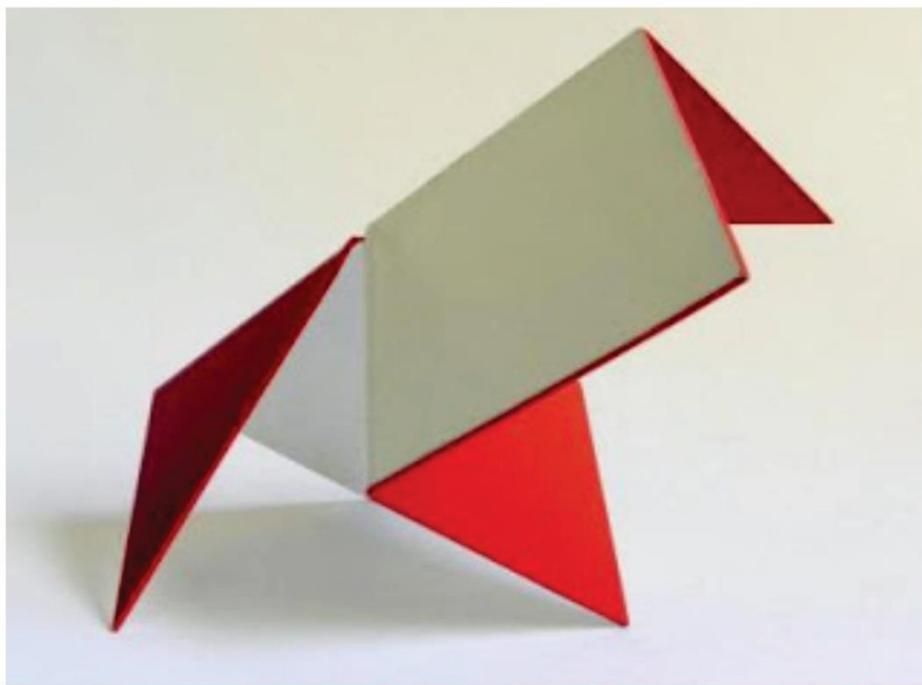












REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 04, Nº 01 - MARÇO - 2019

ISSN 2448-1793

MLCS

